



GENEALOGIAS COLONIAIS

* Deilma Santos da Luz

Resumo

O projeto **ETNICIDADES: entre Bahia e Angola** tem como foco o mapeamento e a análise, em perspectiva comparativa, de figurações ou reconfigurações identitárias fundadas na africanidade e daquelas que emergem da reconstrução diaspórica da afro-descendência ou da afro-baianidade, tendo-se como alvo os diálogos contemporâneos entre Bahia e Angola. Nesse projeto, insere-se o meu estudo que visa à análise dos romances *Viva o Povo Brasileiro* (João Ubaldo Ribeiro) e *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos* (Pepetela), em perspectiva comparativa, tendo como foco a reconstituição crítica da história colonial e a análise contrastiva das genealogias propostas pelas duas narrativas. A partir das leituras dessas duas obras, a comunicação apresentará: o mapeamento e análise das estratégias discursivas presentes nos romances, estabelecendo comparação entre as duas histórias coloniais, escritas sob perspectivas pós-coloniais.

Palavras-chave: pós-colonial, genealogia, reencenação

A pesquisa intitulada **Genealogias Coloniais** integra o projeto **Etnicidades: entre Bahia e Angola** sob a orientação da Prof^a Dr^a Eneida Leal Cunha. Este trabalho que se iniciou em agosto de 2007 visa à análise dos romances *Viva o Povo Brasileiro* (João Ubaldo Ribeiro) e *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos* (Pepetela), em perspectiva comparativa, tendo como foco a reconstituição crítica da história colonial e a análise contrastiva das genealogias propostas pelas duas narrativas. Essa comunicação apresentará o mapeamento e análise das estratégias discursivas presentes nos romances, estabelecendo comparação entre as duas histórias coloniais, escritas sob perspectivas pós-coloniais.

*Graduanda do curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal da Bahia 7º semestre. Bolsista de iniciação científica UFBA/Pibic do projeto Etnicidades: entre Bahia e Angola.

Nos romances *Viva o Povo Brasileiro* (1987) e *A Gloriosa Família* (1997), observamos a reconstituição da trajetória de diferentes linhagens em contextos históricos análogos e ao mesmo tempo distintos, ou seja, Brasil e Angola enquanto construções coloniais. Nessas obras, a perspectiva narrativa empreendida pelos respectivos autores possibilita compreender que a genealogia não pode ser entendida como uma simples pesquisa das origens, como uma atividade que tem por finalidade recolher a natureza essencial das coisas, como se essas possuíssem uma identidade única guardada em si mesma antes de qualquer modificação exterior. Segundo Foucault (1989), o trabalho genealógico deve marcar a singularidade dos acontecimentos observando, lá onde menos se espera, histórias e situações que possibilitam o reencontro com cenas diferentes que desempenharam papéis distintos é “demorar-se nas meticolosidades e nos acasos dos começos: prestar uma atenção à sua derrisória maldade; esperar vê-los surgir, máscaras enfim retiradas, com o rosto do outro.” (Foucault, 1989)

A história genealógica empreendida nos dois romances permite entender-nos que a genealogia não pretende demarcar uma origem única continua de onde viemos, ela pretende fazer aparecer todas as interferências que nos atravessam. As duas narrativas, *Viva o Povo Brasileiro* e *A Gloriosa Família*, realizam um processo de “escavação” histórica para reconstituir um emaranhado de histórias, versões, conhecimentos, situações e, principalmente, personagens que não foram enfatizados ou sequer contemplados pela historiografia oficial.

Nas duas obras, podemos perceber uma escrita diferencial que se agrega às obras consideradas pós-coloniais. Uma escrita que provoca uma interrupção crítica nas narrativas historiográficas ou mesmo literárias concebidas a partir do interior de parâmetros europeus. As duas narrativas, uma ambientada no Brasil, em grande parte na Bahia, mais precisamente na Ilha de Itaparica e em Salvador, a outra ambientada em Angola, especificamente em Luanda, são dois romances históricos que recuperam a história colonial de seus respectivos países, reencenando, em perspectiva pós-colonial, a dominação portuguesa.

O romance *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, desautoriza ou desloca a centralidade da voz hegemônica ao trazer na sua narrativa uma multiplicidade de vozes e histórias entrelaçadas que contam a história de um povo por uma ótica revisionista. *A Gloriosa Família* de Pepetela, com o mesmo intento, possui um narrador escravo mudo que conta a história da família de seu patrão e de fatos que acontecem na Angola colonial, a partir da visão de um personagem que sempre viveu as margens desse sistema.

A perspectiva pós-colonial, neste caso, compõe-se também ao dar voz àqueles que durante séculos foram silenciados por estarem em uma condição subalterna, e “marginalizada”. A crítica pós-colonial reconhece a força que possuem os discursos “hegemônicos” eurocêtricos, os quais produzem e reproduzem valores e ordenamentos sociais fundados na exclusão e silenciamento do outro. Dessa forma, a perspectiva pós-colonial esforça-se por reconfigurar as práticas discursivas impregnadas de ideologias colonialistas, e segundo Ana Mafalda Leite (2003), propor uma nova visão de mundo, caracterizada pela coexistência e negociação de outras línguas e culturas.

Embora o período colonial tenha passado, as bases ideológicas de uma sociedade opressora continuam, por isso, a meu ver, faz-se necessário uma constante revisão crítica dessas estruturas. Para Stewart Hall, O termo “pós-colonial” é uma releitura da colonização e opera na produção de uma reescrita descentrada das grandes narrativas imperiais do passado. É nessa perspectiva, de uma reescrita descentrada das grandes narrativas que privilegiam um discurso eurocêntrico, que esse trabalho analisará os dois romances.

O romance *Viva o Povo Brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, desautoriza ou desloca a centralidade da voz hegemônica ao trazer na sua narrativa uma multiplicidade de vozes e histórias entrelaçadas que contam a história de um povo por uma ótica revisionista. *A Gloriosa Família* de Pepetela, com o mesmo intento, possui um narrador escravo mudo que conta a história da família de seu patrão e de fatos que acontecem na Angola colonial, a partir da visão de um personagem que sempre viveu as margens desse sistema.

Viva o Povo Brasileiro possui uma abrangência temporal que abarca o período de 1647 até a década de 70 no século XX. A narrativa percorre várias etapas da construção do Brasil utilizando-se de fatos revistos a partir do confronto entre os discursos da historiografia tradicional ou das classes hegemônicas e as versões populares baseadas na experiência de vida das personagens. Segundo Almeida (2002), *Viva o Povo Brasileiro* traz à superfície da narrativa os apagamentos empreendidos no processo de construção da história oficial.

A obra apresenta-se através de estrutura uma narrativa, de um lado uma elite que se quer hegemônica na qual de um lado temos a formação de uma classe dominante e de outro uma construção de resistência popular que, através de um discurso questionador, irá confrontar a opressão na qual vive grande parte do povo brasileiro.

De acordo com Almeida (2002), nesse paralelismo os representantes da classe hegemônica são aqueles que irão se esforçar por parecerem europeus transplantados, ou seja, tentarão apagar todo traço que remonte a uma origem negro-africana. Do outro lado, através de um intenso processo de hibridização, temos os personagens que irá representar o povo brasileiro, no qual figuram os negros, índios ou mestiços.

A estrutura do romance se desenvolverá pelo desenrolar de duas grandes linhas familiares. Os descendentes de Perilo Ambrósio e Amleto Ferreira e a outra linhagem que pertence à reencarnação da “alminha brasileira” que deu a vida ao pescador José Francisco ou do Alferes Brandão. Os primeiros, proprietários de bens e do poder, são emissores dos discursos de uma ideologia dominante, tendo como figura central Amleto Ferreira, o guardador de livros do Barão de Pirapuama, que se tornará o continuador da linhagem. Segundo Eneida Leal Cunha (2006), que nos apresenta o quadro acima em sua leitura de *Viva o povo Brasileiro*, convivem e contracenam e conflitam com os descendentes de Perilo Ambrósio e Amleto Ferreira a outra linhagem na qual se encontram as reencarnações da “alminha brasileira”, um elenco de criaturas subalternizadas, marcadas pelo desprezo e pela violência.

Mas, vejamos bem, que será aquilo que chamamos de povo? Seguramente não é essa massa rude, de iletrados e efermiços, encarquillados impapulados, mestiços e negros. A isso não se pode chamar um povo, não era isso o que mostraríamos a um estrangeiro como exemplo do nosso povo. O nosso povo é um de nós, ou seja, um como os próprios europeus. (VPB, P.245) (Amleto Ferreira)

O povo brasileiro somos nós, nós é que somos vocês, vocês não sabem nada sem nós. Vocês não podem nos ensinar nada, porque não querem ensinar, pois todo ensino requer que quem ensine também aprenda e vocês não querem aprender, vocês querem impor, vocês querem moldar, vocês só querem dominar. (VPB. 565) (Maria Dafé)

Ainda segundo Cunha (2006), o trabalho genealógico de investigação e o dialogo com a história do país, revelados em *Viva o Povo Brasileiro*, são movidos pelo desejo de neutralizar a compulsão da origem nobre, que se encarnava em um entre outros possíveis começos, em um entre outros possíveis corpos, anulando toda pluralidade.

O romance *A Gloriosa Família: o tempo dos flamengos* (1997) de Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos, o Pepetela, é uma narrativa que contempla e dramatiza o séc. XVII em Angola, mais precisamente os sete anos de dominação holandesa. No romance são reconstituído os conflitos entre holandeses e portugueses, uma rede de intrigas e influências reconstruída por um narrador escravo que através do seu discurso segundo Mafalda, revelará a vivência e as estratégias de Baltazar Van Dum e da sua numerosa família mestiça.

O romance recria episódios da História Geral das Guerras Angolanas de Antonio Oliveira Cadornega, obra na qual Pepetela irá encontrar referências a Baltazar Van Dum, que na narrativa será um próspero traficante de escravo de origem holandesa e uma importante figura no processo de comercialização de mão-de-obra escrava da Angola colonial. Mas não é através da voz desse personagem que a narrativa se constrói e sim através de um escravo mudo, analfabeto e anônimo que irá descrever a história do seu dono e da sua grande família.

Tudo que possa vir a saber do ocorrido dentro do gabinete será graças à imaginação. Um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade. Apenas uma coisa não lhe podem amarrar: a imaginação. (AGF, P. 14)

Os brancos são mesmos engraçados, de tudo fazem um drama. Se um homem é apanhado em adultério, se desafiam para duelos, têm pelo menos de se ferir, senão o marido enganado deixa de ser considerado homem, é um miserável cão. Complicam enormemente as coisas, dá divórcio depois é precisam saber com quem ficam os filhos e como vão dividir as propriedades e os bens, enfim uma trabalhadeira. (AGF, p. 161)

Assim, segundo Jesiel de Oliveira (2003), que faz uma minuciosa análise deste romance na dissertação intitulada *Leituras pós-coloniais de comemorações lusófonas*, “tido por mudo e praticamente dementado, esse escravo colocado na condição de bijuteria ambulante – o dono desta voz que tem um “dono” – abre um estranho lugar de transparência para a discussão dos mecanismos de rasura simbólica operados pela apropriação colonial.”

Em *A Gloriosa Família*, podemos observar através do escravo-narrador a história da linhagem dos Van Dum, um núcleo familiar no qual Baltazar Van Dum era o patriarca e possuía vários filhos mestiços, divididos entre os gerados por escravas, os chamados filhos da “senzala” e

os gerados por sua esposa, D. Inocência, os “filhos da casa grande”. “Baltazar Van Dum comandava de acordo com uma ótica “branqueadora” a sua família miscigenada estabelecendo hierarquias discriminatórias entre os filhos oficiais e os filhos da senzala” (Oliveira). É através do relato de um personagem irrelevante para a historiografia oficial que Pepetela reconstituir a trajetória da linhagem dos Van Dum dentro do contexto colonial angolano.

Nesse percurso investigativo inicial, que se concentrou na leitura dos romances e de parte de sua fortuna crítica, pude perceber como as duas narrativas reecenam ficcionalmente histórias coloniais que foram revistas e ressignificadas. Em *Viva o Povo Brasileiro* observamos uma dialogicidade construída por várias vozes, nesse romance o autor extrai das classes subalternas da sociedade brasileira um emaranhado de histórias que irão contestar algumas formas de poderes constituídos. Em *A Gloriosa Família* a presença de uma única voz irá operar um descentramento no cerne de um discurso hegemônico. Consiste em uma reversão de valores. Segundo Oliveira, esse discurso é uma verbalização de um olhar projetado a partir desse lugar cultural de neutralização, é a presença psíquica e física de um indivíduo violentado pela lógica escravista.

Observamos que é através das vozes daqueles que foram excluídos e marginalizados que irão se organizar dentro de *A Gloriosa Família e Viva o Povo Brasileiro* os procedimentos discursivos que operam algumas desconstruções nos sistemas de valores que coordenam a consolidação do etnocentrismo europeu.

“É com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento” (Bhabha, p. 240, 1998)

Referências:

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. *Torna-se outro: o Topos canibal na literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2002.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Tradução: Myriam Ávila. Eliana Lourenço de Lima Reis

CUNHA, Eneida leal. **Estampas do imaginário** : literatura, história e identidade cultural Belo Horizonte : Editora UFMG, 2006 .

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989

HALL, Stuart. *Quando foi o pós-colonial*. In: Sovir (org). *Da diáspora*. Belo Horizonte, EDUFMG, 2003.

MAFALDA, Ana. *Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais*. Local? Ed. Imprensa Universitária, 2003

PEPETELA. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

OLIVEIRA FILHO, Jesiel Ferreira de. **Leituras pós-coloniais de comemorações lusófonas**. 2003. 180f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o Povo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

Sites:

www.O (RE)CONTAR DA HISTÓRIA EM VIVA O POVO BRASILEIRO Liliam Ramos da Silva Programa de Pós-Graduação em Letras-UFRGS.htm. Acesso em: 15/09/2007

Hamilton, Russell G. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial
http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via03/via03_02.pdf. Acesso em: 05/09/2007